RELIGIÃO EM NIETZSCHE

SOUSA, Mauro Araújo de. **Religião em Nietzsche**: “Eu acreditaria somente em um Deus que soubesse dançar”. São Paulo: Paulus, 2015.

Francisco Alvarenga Junnior Neto*

Bem se sabe que o tema da religião é central no pensamento de Nietzsche. O filósofo alemão vê a religião como parte estrutural da história do homem ocidental e base para os conceitos morais, como: certo e errado, verdadeiro e falso, válido e não válido. Dessa forma, é crucial compreender as implicações desse fenômeno no pensamento nietzschiano para, assim, ter em mente os seus desdobramentos em sua análise e crítica à cultura ocidental.

É sobre este tema – religião em Nietzsche – central e polêmico na obra do filósofo da Basileia que se debruçou Mauro Araújo de Sousa em seu livro *Religião em Nietzsche*: “Eu acreditaria somente num Deus que soubesse dançar”, fragmento de sua dissertação de mestrado em Ciência da Religião pela PUC–SP, no qual ele buscou analisar o lugar da religião na elaboração filosófica de Nietzsche, tendo como objetivo perfazer um novo caminho analítico sobre assunto que, por tantas vezes, é tomado de maneira equivocada, em uma tentativa de convertê-lo em cristão – ressentido, mas, ainda sim, cristão.

Por diversas vezes Nietzsche é apontado como imoralista, porém, nota-se que tal afirmação sobre o filósofo se dá devido à má compreensão do seu pensamento acerca da religião e, assim, sua filosofia é vista somente como uma grande negação da constituição psicológica do homem moderno. De fato, não há erro na compreensão de Nietzsche como um negador da psicologia constituinte do homem moderno, porém, orienta o autor, já no prefácio da obra, que “a filosofia de Nietzsche é provocativa por ser um convite para ir além dos dualismos estáticos que marcam nosso modo de pensar” (SOUSA, 2015, p. 23).

Nietzsche, antes de qualquer coisa, deve ser visto como aquele que põe em xeque os signos da linguagem tomados como *veritates sacras*. Nesse sentido, adverte Sousa que seu texto não busca fomentar entraves entre o pensamento de Nietzsche e as religiões, mas, sim, busca

* Mestrando em Filosofia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Licenciado em Filosofia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino (ISTA). E-mail: franciscocmf@gmail.com.

situar o problema da religião de forma mais abrangente na obra do filósofo alemão. Desta feita, Sousa (2015, p. 09) reitera que seu texto “trata a dimensão da sacralidade natural da vida e do movimento enquanto devir que reina no mundo: mudança constante”.

Esse livro surge como uma tentativa de advertir ao leitor que se debruça sobre a obra do filósofo da Basileia para que ele não a compreenda de forma dicotômica. Sugere, então, o autor, àqueles que se dispõem à leitura dos escritos nietzschianos, uma reavaliação das próprias crenças e pré-conceitos, haja vista que em Nietzsche as ideias de verdadeiro e falso deixam de existir, para alvorecerem profundas nuances de interpretações da vida.

Nesse sentido, o trabalho a que se propôs Sousa em seu texto é abrangente e não objetiva uma obra de Nietzsche ou um período de seu construto filosófico. Já nos esclarecimentos, no tópico intitulado “Sobre o motivo de utilizar obras de Nietzsche de períodos diferentes”, ele esclarece que sua “motivação para isso foi, como sabem os que estudam o filósofo alemão, trabalhar, justamente, o fio condutor sempre presente em Nietzsche” (p. 11), de forma a tornar evidentes as críticas à “cultura ocidental cristã” (p. 11) presentes desde as primeiras elucidações filosóficas nietzschianas.

“Quem matou Deus decretou o fim da religião?” (NIETZSCHE *apud* SOUSA, 2015, p. 23). Assim, esclarece-se que a leitura a que se propôs Sousa segue o caminho contrário ao que se propõem as leituras tradicionais sobre o tema da religião em Nietzsche. Contrariamente ao que as leituras furtivas apontam, em Nietzsche não há uma redução da noção de religião, mas o contrário. O que se nota em Nietzsche é uma ampliação da noção de religião, uma vez que por religião este filósofo determina toda estrutura que possibilita ao homem um horizonte de sentidos.

No entanto, Sousa afirma que o tema da religião em Nietzsche não é fácil de ser tratado. Na introdução de sua obra o autor reivindica um retorno ao sentido latino que designa religião: *religare*, “religar, ou seja, reatar do que se desatou. Religar o que se desligou” (SOUSA, 2015, p. 29). Assim, haveria em Nietzsche um movimento “religioso” de retorno do sentido da vida à realidade terrena.

Ora, se considerarmos que o humano distanciou-se da natureza, sua “Mãe Terra”, se levamos em conta que, por conta disso, ele sente a necessidade de constituir-se novamente e juntamente com tudo isso de que se desligou, então esse movimento, essa cadência no humano pode ser denominada “religião”. Na religião, ele se reencontra nas suas origens naturais, nas suas origens cósmicas, e, então, ele próprio pode se tornar “o

sentido da Terra”, um humano para além da mediocridade instalada entre nós, um tipo humano novo ou, ao menos, renovado, um humano para adiante desse tipo que está disseminado entre nós e do qual fazemos parte, e que se “enxerga” separado daquilo que é enquanto toda uma dinâmica de natureza, um devir mesmo separado de toda dimensão cosmológica na qual está entranhado entre *Kósmos* e *Kháos*. (SOUSA, 2015, p. 29).

O texto se segue em um capítulo único, no qual Sousa versa acerca da ideia do vir-a-ser nietzschiano. Ressalta-se que Nietzsche nega toda e qualquer metafísica que apresente o mundo de forma dicotômica, dualista. Ele se coloca como anunciador da necessidade de uma transvaloração de todos os valores, que tem como base, fundamento, a crítica à moral e ao cristianismo nos seguintes termos:

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada senão *causas imaginárias* (“Deus”, “alma”, “Eu”, “espírito”, “livre-arbítrio” – ou também “cativo”); nada senão *efeitos imaginários* (“pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “perdão dos pecados”) (NIETZSCHE, 2016, p. 19).

O texto, em seu desenrolar, demonstra que, ao realizar o desvelamento do sentido metafísico da vida, Nietzsche enxota a antiga religião “das Catedrais” e, por meio de Zaratustra, inicia um movimento “religioso”¹, no qual a meta finalíssima já não é o ganho de uma vida eterna pós-morte, mas sim um retorno ao sentido da terra, do homem lançado na existência, entre forças que se completam e se digladiam em um constante movimento do vir-a-ser. Essa “religião” carrega o sentido real, como afirma Sousa (p.113), de “tomar a crise como parte essencial da existência e não como obstáculo. O ‘deus-devir’ não promete nada e é um provocador de crises. Por isso, o humano que busca estabilidade vai na direção oposta à sua própria superação”.

Destarte, o livro se desenvolve sobre a seguinte tese: Nietzsche (2012), ao anunciar a necessidade de uma transvaloração de todos os valores, aponta o *amor fati* como a “postura religiosa” que leva o homem a tomar a vida não mais como um peso, como sofrimento. Sousa busca demonstrar que Nietzsche, de modo positivo, ao dismantelar a estrutura cristã-religiosa, aponta para um homem que não busca mais um deus extramundano, mas encontra em si, enquanto vontade de potência, o sentido de sua existência.

¹ No sentido em que o termo *Religare* determina.

Por fim, Sousa (p.138) busca apontar a importância de se refletir, por meio de um novo vislumbrar, o tema da religião em Nietzsche, tema tão mal compreendido, e instiga o seu leitor da seguinte maneira sobre o alemão: “no fundo, o problema se Deus existe ou não nunca lhe perturbou tanto quanto perturba a nós”.

O que o livro mostra é que o tema da religião em Nietzsche é profundo e que as leituras tradicionais sobre o tema se mostram controversas, buscando, dessa maneira, levar o seu leitor a ampliar o olhar, de tal forma que ele seja capaz de vislumbrar novas perspectivas desta profunda face da filosofia nietzschiana.

Referências

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anticristo**: maldição ao cristianismo. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.